Por que as crianças vão ao Psicanalista ?

Repensando a clínica infantil, historicamente pode-se dizer que, antigamente o analista escutava à partir de um lugar de quem sabia tudo e como se fosse investigar e localizar onde os pais teriam “errado” com a criança. Era como se alguém tivesse cometido um”crime”, um erro, ou como se a criança estivesse necessariamente traumatizada com algo. O terapeuta de crianças parecia mais com um detetive atrás de fatos da história que comprovasse a sintomatologia do que um profissional da saúde.

Nos tempos atuais, nós psicólogos/analistas escutamos a criança através dos pais atravessados pela dor psíquica que paira no ambiente familiar. Hoje , na era pós-freudiana, escuta-se de forma mais aberta: ouve-se o que o outro sente, amplia-se o espaço para se pensar juntos e a proposta de tratamento ou de intervenção terapêutica é de um trabalho à partir do reconhecimento da dor, aliada à curiosidade de conhecer as demandas inconscientes. Decifrar o padecimento de uma criança e de uma família é possibilitar a apropriação de uma história singular. Reconhecer os limites de cada um possibilita que se abra um espaço para fazer circular o desejo e o prazer de conviver.

Quero dizer, atualmente não se procura culpados. Não tem crime. Tem dor. Os pais são escutados no lugar de quem tem o que dizer e o analista, atravessado pelo conhecimento teórico/técnico, une-se  a família com o objetivo de criar vias colaterais facilitadoras de reconstrução psíquica.

A análise possibilita a modificação dos ruídos, sintomas e descompassos na relação criança-pais, à partir da relação terapeutica. Lembrando que em tempos de volta às aulas, os pais precisam ficar atentos ao retorno de manifestações sintomáticas que ficaram adormecidas durante as férias. Dificuldades na aprendizagem podem ser sinal de bloqueios emocionais.

A criança que, através do tratamento psicológico recupera a alegria, o prazer em brincar, o prazer em executar as tarefas escolares, que pode ser espontânea respeitando os limites que lhe são impostos pela cultura, na verdade recupera a saúde mental para seguir livre o seu caminho.

Conseqüentemente, a família se reorganiza e se liberta da culpa ou do sofrimento que carrega ao ver um filho perdido, muitas vezes sem rumo.

Magda Mello
Psicóloga/Psicanalista
Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madri
e-mail: magdamm@terra.com.br